

BLOQUEADO ATÉ 24 DE ABRIL DE 2006 - BLOQUEADO

Ganhador do Prêmio Goldman de Meio Ambiente 2006 para as Américas do Sul e Central

Tarcísio Feitosa da Silva
Altamira, Brasil

“Ele é a pessoa que está em contato com o mundo exterior, o elo entre os moradores das comunidades ribeirinhas tradicionais e o movimento ambientalista nacional no Brasil. Ele é o elo de ligação a nível local.” Stephen Schwartzman, co-diretor do Programa Internacional do Fundo de Defesa do Meio Ambiente [Environmental Defense Fund].

Criação de um mosaico de áreas protegidas na Amazônia

Em uma região remota no norte da Amazônia brasileira, onde o grilagem e a extração ilegal de madeira estão destruindo as comunidades e o meio ambiente, Tarcísio Feitosa da Silva e um dos líderes de uma aliança de base popular para proteger a floresta tropical e o povo que nela vive.

Trabalhando com organizações locais, Feitosa revelou a vasta exploração ilegal de madeira e violações de direitos humanos. Seu trabalho impeliu o governo a proteger um mosaico de áreas de floresta tropical que, juntamente com as terras indígenas existentes, constituem a maior área de floresta tropical protegida do mundo.

Esta área de 240 mil quilômetros quadrados inclui a Reserva Extrativista Verde para Sempre, a Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio, o Parque Nacional da Serra do Pardo e a Estação Ecológica da Terra do Meio.

Trabalho realizado em um ambiente mortal

Feitosa, que tem 35 anos de idade, passou mais de 10 anos lutando pelos direitos humanos, a proteção ambiental e o desenvolvimento sustentável do Xingu e da Terra do Meio, no Pará, uma das áreas mais remotas da Amazônia.

Ele trabalha com a Comissão Pastoral da Terra, organismo da Conferência Nacional de Bispos que luta por justiça social, e é um dos líderes eleitos do Movimento pelo Desenvolvimento da Transamazônica e Xingu (MDTX), que teve vários de seus líderes assassinados nos últimos anos. Em fevereiro de 2005, a irmã Dorothy Stang, freira americana que trabalhava com Feitosa no Pará, foi assassinada.

Feitosa documentou as atividades de extração ilegal de madeira e, em um ato de grande repercussão, avisou os órgãos governamentais, que então realizaram batidas nos locais de extração e confiscaram 6.000 toras de mogno extraídas ilegalmente. As toras foram então vendidas em um leilão que arrecadou um milhão e meio de dólares destinados à criação de um fundo para financiar o desenvolvimento sustentável e os esforços de conservação. Feitosa também ajudou na organização de uma manifestação na qual membros de comunidades bloquearam a embocadura de um rio importante com os seus barcos atrelados uns aos outros, impedindo a passagem das balsas que transportavam as toras ilegais. Eles conseguiram confiscar aproximadamente 2.000 toras.

Em busca de justiça ambiental em regiões remotas

O trabalho de Feitosa é realizado em uma área extremamente remota que fica a dois dias de barco da cidadezinha mais próxima. O estado do Pará, na região norte do Brasil, ocupa mais de um quarto da Amazônia brasileira e possui grandes áreas de floresta e praias fluviais intocadas. O estado também abriga muitas comunidades tradicionais e indígenas que vivem em isolamento do mundo exterior.

Porém, na década de 70, o governo começou a construir rodovias cortando a Amazônia até o Pará, o que atraiu milhares de colonos para a região. Atualmente, o Pará é uma das regiões mais sem lei e cujo meio ambiente está mais ameaçado no interior da Amazônia. A grilagem, o desmatamento descontrolado, a extração ilegal de madeira e os incêndios estão destruindo e degradando as suas florestas rapidamente. A extração de madeira afetou o Pará mais do que qualquer outra região da Amazônia, e resultou na perda de um quinto da cobertura de florestas tropicais do estado.

O governo brasileiro começou a pavimentar os 1.174 quilômetros restantes da rodovia que liga o Pará ao resto do Brasil. Sem proteção nem fiscalização, esta rodovia vai abrir uma das últimas faixas intactas da Amazônia à expansão de fazendas de gado e plantações de soja, dando fácil acesso aos madeireiros e trazendo um maior influxo de colonos, que farão mais queimadas em áreas florestais para suas plantações. Nas áreas desmatadas da Amazônia chove menos e as plantas e árvores retêm menos umidade. Ao se tornar mais seca, toda a região está mais suscetível à proliferação de incêndios florestais, como os que destruíram grande parte da Amazônia em 1998, e a secas como a de 2005, que deixou muitos dos afluentes do rio Amazonas completamente secos, com os peixes morrendo ao sol e muitas comunidades isoladas e famintas.

###

Citação do ganhador:

Nome impresso: Tarcísio Feitosa da Silva

“Aqui na Amazônia nós temos o maior corredor de áreas protegidas do mundo. Isto é importante para garantir a vida das populações humanas que dependem da floresta para sobreviver, assim como dar continuidade à floresta e seus recursos. Cabe agora aos governos municipal, estadual e federal do Brasil assumir o seu claro papel na proteção destas florestas.”

Sobre o Prêmio Goldman de Meio Ambiente

O Prêmio Goldman de Meio Ambiente possibilita a seus ganhadores continuar obtendo vitórias ambientais em situações difíceis, inspirando pessoas comuns a realizarem ações extraordinárias para proteger o mundo. O Prêmio Goldman de Meio Ambiente foi criado em 1990, pelo líder cívico e filantropo Richard N. Goldman, e sua falecida esposa, Rhoda H. Goldman.

Os ganhadores do Prêmio Goldman de Meio Ambiente são selecionados por um júri internacional, a partir de indicações confidenciais feitas por uma rede mundial de organizações ambientais e indivíduos.

Os ganhadores do prêmio fazem uma viagem de dez dias a São Francisco e Washington, onde participam da cerimônia de apresentação e entrega de prêmios, de entrevistas coletivas, encontros com representantes dos meios de comunicação e reuniões com líderes políticos, ambientalistas e formadores de política.